

**O TEMPO DAS PAIXÕES TRISTES: AS DESIGUALDADES AGORA SE
DIVERSIFICAM E SE INDIVIDUALIZAM, E EXPLICAM AS CÓLERAS, OS
RESSENTIMENTOS E AS INDIGNAÇÕES DE NOSSOS DIAS*****THE TIME OF SAD PASSIONS: INEQUALITIES ARE NOW DIVERSIFIED AND
INDIVIDUALIZED, AND EXPLAIN THE ANGER, RESENTMENT AND
INDIGNATION OF OUR TIMES******LA ÉPOCA DE LAS PASIONES TRISTES: DE CÓMO ESTE MUNDO DESIGUAL
LLEVA A LA FRUSTRACIÓN Y EL RESENTIMIENTO Y DESALIENTA LA LUCHA
POR UNA SOCIEDAD MEJOR***Elias Festa Paludo¹

RESUMO: No livro *O tempo das paixões tristes*, François Dubet defende a tese de um novo sistema de desigualdades que agora são múltiplas, e que se edifica após a época da sociedade de classes. Além das grandes desigualdades, nossa época enfrenta um regime em que as desigualdades são individualizadas e são sentidas de maneira ainda mais pesada, já que se transvestem de mérito. As classes, por exemplo, que antes eram excluídas da escola, agora com o acesso universal, existe uma agregação de pequenas desigualdades que continuam excluindo os mais desfavorecidos, mas por um sistema ainda mais tênue. A sociedade, vista de fora, possui uma rigidez na mobilidade dada as grandes desigualdades, mas do ponto de vista micro, essa rigidez parece diminuta e é encarada como fracasso individual. Tal sistema gera tempos de paixões tristes, coléricas, com ascensão do populismo e da indignação rotinizada e instrumentalizada.

Palavras-chave: tempo das paixões tristes; sistema de desigualdades múltiplas; desigualdades; François Dubet.

ABSTRACT: In his book *Le temps des passions tristes*, François Dubet defends the thesis of a new system of inequalities that are now multiple, and is being built after the epoch of class society. Besides the great inequalities, our epoch faces a regime in which inequalities are individualized and are felt even more acutely, since they are disguised as merit. The classes, for example, that used to be excluded from school, now with universal access, there is an aggregation of small inequalities that continue to exclude the most disadvantaged, but by an even more tenuous system. Society, seen from the outside, has a rigidity in mobility given the great inequalities, but from the micro point of view, this rigidity seems diminished and is seen as individual failure. Such a system generates times of sad, angry passions, with the rise of populism and of the daily and instrumentalized indignation.

Keywords: time of sad passions; system of multiple inequalities; inequalities; François Dubet.

RESUMEN: En el libro *La época de las pasiones tristes*, François Dubet defiende la tesis de un nuevo sistema de desigualdades que ahora son múltiples, y que se construye después de la época de la sociedad de clases. Además de las grandes desigualdades, nuestra época se enfrenta a un régimen en el que las desigualdades se individualizan y se hacen sentir de forma aún más aguda, ya que se disfrazan de mérito. Las clases, por ejemplo, que antes estaban

¹ Mestre em sociologia. Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7308-6122>. eliasfpaludo@gmail.com.

excluidas de la escuela, ahora con el acceso universal, hay un cúmulo de pequeñas desigualdades que siguen excluyendo a los más desfavorecidos, pero a través de un sistema aún más tenue. La sociedad, vista desde fuera, tiene una rigidez en la movilidad dadas las grandes desigualdades, pero desde el punto de vista micro, esta rigidez parece atenuada y se ve como un fracaso individual. Un sistema así genera tiempos de pasiones tristes y coléricas, con el auge del populismo y de la indignación rutinaria e instrumentalizada.

Palabras clave: tiempo de pasiones tristes; sistema de desigualdades múltiples; desigualdades; François Dubet.

Introdução

DUBET, François. **O tempo das paixões tristes:** as desigualdades agora se diversificam e se individualizam, e explicam as cóleras, os ressentimentos e as indignações de nossos dias. São Paulo: Vestígio, 2020.

As novas desigualdades nas sociedades, além de aparentes, são de difícil tradução para o campo teórico. O capitalismo ainda se mantém, mas não da mesma forma que antes, assim como as classes sociais ainda existem, contudo, sem a força determinadora das trajetórias de grupos como outrora. As desigualdades de ingresso à escola, agora se traduzem em inúmeras desigualdades vivenciadas no seio escolar.

Frente a isso, François Dubet (1946), sociólogo francês, professor na Universidade de Bordeaux II e na École de Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, apresenta *O tempo das paixões tristes*, uma análise sóbria das novas dinâmicas das relações da nossa sociedade, sem cair numa perspectiva pós-moderna ou pós-capitalista, tampouco explicando a sociedade apenas pelo viés econômico, de maneira ortodoxa.

Contando com introdução, quatro capítulos e conclusão, a obra inicia trazendo como subtítulo da introdução: “Novas desigualdades, novas cóleras”, seguido pelos capítulos: 1- O fim da sociedade de classes; 2- O sistema das desigualdades múltiplas; 3- Experiências e críticas das desigualdades; 4- Cólera e indignações. Sua conclusão é subtitulada com “As esquerdas democráticas contra o populismo”.

O enunciado presente no título já nos apresenta o principal alerta: uma mudança no regime de desigualdades, cada vez mais individualizadas e que transformam o nosso tempo - que antes fora prenunciado como a era da informação - em uma época de paixões tristes, das relações coléricas, na qual as frustrações são percebidas cada vez mais no âmbito privado e individual. A tese central do livro é que as iras, indignações e ressentimentos dos tempos atuais

podem ser explicadas, não pela amplitude das desigualdades, mas pela *transformação do regime de desigualdade*.

Portanto, há um outro elemento fundamental trabalhado nesta obra: a frustração, a cólera e os ressentimentos. Dubet prenuncia ainda na introdução que a justificativa de se livrar de discursos politicamente corretos, autoriza os indivíduos a odiar, seja o quê ou quem, e mais veladamente, até mesmo a democracia representativa vira alvo dessa cólera. Desse modo, podemos identificar o novo regime de desigualdades como causa; e a cólera, as paixões tristes, como consequência. Todos esses elementos se trazidos à luz da sociedade brasileira, especialmente ao trágico 8 de janeiro de 2023 e o processo golpista que o antecedeu, aumenta a relevância da obra de Dubet.

O livro, após breve introdução, aborda o antigo regime de desigualdades experienciado nas sociedades capitalistas e prenuncia o fim da sociedade de classes. O autor trata que as grandes desigualdades, movidas por políticas econômicas em nível macro, sociologicamente, são mais valorizadas em seu conjunto, porém não devem fazer esquecer as pequenas desigualdades. Afinal, os indivíduos cruzam no fluxo social cotidiano com pessoas em posições relativamente parecidas, se olhado pelo macro. Portanto, as pequenas desigualdades acabam por ser mais dolorosas, enquanto as grandes desigualdades se parecem abstratas pela magnitude delas mesmas.

Assim, o autor recorre a uma revisão da estrutura estamental em que o regime de desigualdades é holista, já que a posição de classe é determinante na conduta dos indivíduos. Estamentos e castas separam indivíduos ontologicamente desiguais, a partir de uma dimensão religiosa. Inclusive, o autor indica que para a burguesia medieval romper com as castas foi necessária a invenção do purgatório nos séculos XII e XIII, além do asceticismo mundano protestante.

A ruína das castas se deu pela ascensão das burguesias, do Estado e pelo esfacelamento das pequenas nobrezas e comunidades tradicionais. Por último, as revoluções iluministas deram início ao regime da sociedade composta por indivíduos iguais, ainda que os antigos marcos religiosos e legais deixassem pesadas heranças até hoje, como um subsistema de castas que segregava por raça.

Com esse contexto de esfacelamento das comunidades tradicionais, ainda foram necessárias duas revoluções para que houvesse a cambio do regime estamental para o regime de classes: a democrática (que instaura a igualdade dos indivíduos) e a industrial (que afirma uma economia de sociedade de classes).

A partir do estabelecimento do *regime de classes*, Dubet afirma que as provas individuais estariam submetidas ao contexto coletivo, provocando uma maior anonimidade do indivíduo ante as organizações de classe. Porém, logo o autor se encaminha para o “fim” do regime de classes. É importante salientar que o fim deste regime não implica no fim das classes sociais. Aliás, as classes seguem, sobretudo as dominantes, cada vez mais alicerçadas nas leis e no regime burguês. No entanto, há uma mudança: o regime de classes já não segue estruturando as desigualdades sociais e a identidade dos atores.

A mutação do capitalismo para além das sociedades nacionais, criando um “capitalismo inconexo”, em que as antigas burguesias industriais se tornaram potências financeiras, que contratam trabalhadores de países desenvolvidos e com menor remuneração (o autor trabalha brevemente um panorama de uma sociedade globalizada e suas consequências) acaba gerando um novo tipo de indivíduo: o que antes era explorado, agora é *inútil*.

Aquilo que organizava ou fundamentava uma classe social está cada vez mais fragmentado. Se outrora “os sociólogos procuravam as desigualdades ‘por trás’ das classes sociais, alguns, entre eles, procuram agora as classes sociais, princípios de unidade, ‘por trás’ das desigualdades” (Dubet, 2020, p. 20). Assim, a desintegração do regime de classes abre espaço para novas classificações, agora pautadas em desigualdades de grupos menores que classes, como cosmopolitas de grande mobilidade, executivos e criativos, *underclass*, estáveis e precários, urbanos e rurais etc. Essas classificações, por estarem cada vez mais vinculadas à mudança do que à hierarquia, acaba criando distinções mais fortes entre nacionais e imigrantes, gerações, homens e mulheres, majoritários e minoritários, com consequente restrição da solidariedade.

Dubet finaliza o primeiro capítulo, sobre a transição do regime, apontando dois últimos fatores: o primeiro diz respeito à expansão da classe popular para *classes populares*, já que a distância do consumo existente nas décadas de 1950 e 1960 já não é presente. A distinção hoje está mais centrada em qual carro (modelo, prestígio) se tem, do que entre ter e não ter. Na mesma medida, a educação está menos aglutinada entre os que entram e os que não entram, e mais sensível às desigualdades no interior da escola. O consumo de massa representou uma fratura cultural, subdividindo os grupos por fatores cada vez mais isolados, os que gostam de futebol e os que gostam de música, por exemplo, representando inclusive uma crítica a teoria da distinção de Bourdieu que restou prejudicada.

O segundo aspecto trata do *distúrbio de representação*, em que já não há mais representações efetivas de classes, mas cada vez mais setorizadas e voltadas a outras múltiplas

desigualdades. O movimento outrora de classe, agora depara com sua extensão em ecológico, feminista, estudantil, etc.

Considerando essa transição, Dubet entra em seu segundo capítulo no *sistema de desigualdades múltiplas*, o qual tem três subdivisões. O autor explicita que nesse novo sistema, as desigualdades são intervencionais e distribuídas heterogeneamente. Isto é, se postos em oposição uma escola pública e uma escola particular, pode-se ter uma média superior da segunda em relação à primeira, sem impossibilitar que na escola pública tenham alunos que superem os da escola particular. Ademais, a gama de desigualdades é ampliada de tal forma que o sistema de desigualdades é experienciado de maneira interseccional e relativo também ao lugar e ao indivíduo, como gênero, raça, etnia, ofício, local, etc.

O sistema de desigualdades passa a ser sistema de agregação das pequenas desigualdades, em que o sistema de estratos existentes nas sociedades de classes já não explicam as dinâmicas de desigualdades. A partir do exemplo educacional, Dubet defende que “o efeito das desigualdades sociais sobre as desigualdades escolares não desapareceu, mas o modo de produção das desigualdades se transformou com a massificação” (Dubet, 2020, p. 32). Portanto, com a massificação do ensino, e a redução das desigualdades ‘iniciais’, a agregação de pequenas desigualdades é o que implica em largas desigualdades.

Assim, desde um olhar macroscópico, a mobilidade social é rígida, enquanto no nível individual, por esse sistema que agrega pequenas desigualdades, a mobilidade parece mais tangível. Por serem múltiplas, mas não homogêneas, as desigualdades se individualizam, fazendo com que o sentimento de compartilhamento de dificuldades suma, tornando as desigualdades desafios individuais, os quais se tornam ainda mais cruéis. O autor ressalta ainda que essa transição “não é pós-moderna e tampouco, obviamente, pós-capitalista” (Dubet, 2020, p. 36), mas alarga e acentua as características da modernidade. Resta evidente que Dubet ao abandonar qualquer proposta de fim da modernidade como expressa por Lyotard (1998) em *A condição pós-moderna*, se aproxima mais de Giddens (1991) e uma radicalização dela. Esse novo sistema de desigualdades múltiplas também não é momento ou crise, mas característica estrutural das nossas sociedades.

No terceiro capítulo, que trata das *Experiências e críticas das desigualdades*, Dubet apresenta a mudança nos marcadores de justiça, agora associados à norma de igualdade de oportunidades meritocrática. Assim como as desigualdades são individualizadas, a percepção das desigualdades também não é homogênea, sendo necessário o interesse pelas experiências sociais para melhor entender como funcionam.

Assumindo que as classes sociais não agregam mais “as desigualdades dentro de condições de vida comuns e relativamente homogêneas, os indivíduos multiplicam os critérios de julgamento” (Dubet, 2020, p. 41), trazendo a ideia de *desigual na qualidade de*. Uma vez que as desigualdades, ainda que dentro de um recorte específico como minoria, não são vivenciadas de maneira homogênea, as desigualdades *na qualidade de* são multiplicadores e singularizam os autopoicionamentos, as experiências e as definições de si mesmo.

Assim, os indivíduos iguais na qualidade de algo (ou desiguais), “tendem a se comparar com a maior proximidade deles possível” (Dubet, 2020, p. 44). Portanto, retoma-se a discussão de que o sistema de desigualdades múltiplas apresenta um peso maior às pequenas desigualdades (o que faz o sistema ser mais penoso), do que às grandes desigualdades, processo acentuado pela desintegração das coletividades.

O autor evidencia ao longo de sua obra que o sistema de desigualdades múltiplas está vinculado ao sistema de igualdade de oportunidades (embora seja importante notar o contexto europeu, especificamente francês, que está inserido), que se mostra incontestável, e com as aparências de um regime igualitário, frustra os desiguais, acirrando inclusive as discriminações. Estão, pois, os atores em um dilema: por um lado, a fim de uma desigualdade justa, são responsáveis por seus sucessos e fracassos; por outro lado, contra as discriminações que lhes são atribuídas, devem exigir respeito a sua singularidade, apesar das diferenças impostas. Assim, as desigualdades são vividas como feridas, criando estereótipos por gênero, raça, religião, entre outros.

Dubet aponta que a individualização das desigualdades reverbera no sentimento onipresente de desprezo e impressão de não ser reconhecido por quem se é de fato. Desprezo das autoridades ou de grupos, porém, que é bilateral: é possível ser desprezado e também desprezar. O cidadão que despreza o Estado, a polícia que despreza os jovens e também se sente desprezada por tal população. O desprezo surge, então, como uma medida geral do sentimento de injustiça. Aqueles que se sentem mais desprezados, acabam reproduzindo com aqueles que mais desprezam.

Nesse contexto de desprezo, o respeito democrático (já que o respeito de honra exige alguma desigualdade) é evocado como valor fundamental da convivência e exige um alto nível de civilidade para que todos sejam tratados como iguais, perante as desigualdades. Todavia, a própria posição de vítima é ambígua nessa sociedade: é como renunciar a sua dignidade e a sua capacidade de agir. Assim, a igualdade de oportunidades repousa sobre a obrigação de competir, já que se retirar é uma forma de derrota. Como os alunos que, sofrendo as maiores

desigualdades, acabam por ter piores desempenhos, para preservar sua dignidade, precisam agir como se tivessem decidido não participar.

Dubet, portanto, defende que a experiência das desigualdades é moral e acaba por adentrar no campo do reconhecimento, levando os indivíduos a se sentirem injustiçados por não serem reconhecidos. Nessa linha, Dubet apresenta que os atores consideram injustas as desigualdades que estão submetidos a partir de três princípios: igualdade; mérito e; autonomia. Assim sendo, os critérios podem ser antagônicos e assimétricos. Isso porque, enquanto a igualdade se resguarda num direito coletivo, a autonomia é o refúgio do reconhecimento de si enquanto ator de sua própria vida, sem depender de terceiros.

Essa profusão de princípios, e conseqüentemente a poliarquia desses princípios, gera um conjunto de críticas que não se encerra. Assim, “dentro do sistema de desigualdades múltiplas, a relação com o mundo é fundada mais na crítica que na adesão” (Dubet, 2020, p. 57), gerando conflitos de justiça que se desdobram em distanciamento em relação à vida pública e aos movimentos sociais, bem como uma subjetivação na relação com as desigualdades, adaptada à experiência individual. Por fim, todas essas experiências individuais não se transformam em críticas homogêneas, tampouco movimentos organizados, mas “se manifesta em cóleras e indignações comuns” (Dubet, 2020, p. 59).

O quarto capítulo trata justamente das cóleras e indignações, buscando apresentar uma solução a questões como: a esquerda é contra a Europa dos hiper-ricos, mas não se sensibiliza com as doídas pequenas desigualdades? Ou em certos países os eleitorados populares elegem os milionários que implementam políticas agravantes de desigualdades?

Junto ao novo sistema de desigualdades, houve a explosão da comunicação digital que representa uma nova forma de se comunicar, possibilitada a todos ou quase todos. Essa capacidade de expressão diminui a distância entre os que falam e os que não falam, bem como os temas que podem ou não ser ditos. Além disso, tamanha é a capacidade comunicativa que passamos a ser militantes da própria causa, um movimento social individual e solitário, já que dispensa associação aos outros, frequentemente invadida pelas *paixões tristes*, que acabam por dar voz, sem qualquer mediação ou resfriamento, ao ódio, racismo, às denúncias, etc.

A cólera e o ressentimento, antes restritos ao íntimo, vão a público, com uma crítica privada e imediata que a todos alcançam. Não há constrangimento de interação. Essas denúncias coléricas funcionam como desabafos que não são enquadradas pelos meios tradicionais, embora esses façam com que o debate prossiga para que cada telespectador encontre reflexos dos seus próprios sabores. Nessa pseudodemocracia de opinião, partidos não são mais necessários, como também a “verdade não é mais pertinente: cada um tem a sua” (Dubet, 2020, p. 63).

“A frustração e o sentimento de injustiça se transformam em ressentimento quando não fluem em uma narrativa social capaz de lhes dar sentido, designar adversários e razões de esperança” (Dubet, 2020, p. 63), o ressentimento é também uma maneira de resistir ao desprezo, multiplicando o *estilo paranóico* que tem uma lógica simples: a infelicidade do mundo tem causa oculta e única, cuja potência é revelada por meio de sinais para aqueles que sabem vê-los. Aquecimento global, direitos humanos, politicamente correto, etc., são alvos comuns das paranóias que ganham voz pelas frustrações.

O mecanismo mais vil e sem dúvidas mais triste do ressentimento, segundo Dubet, é a associação da crítica das desigualdades aos mais fracos, sejam pobres, negros, migrantes ou, arrisco dizer para o caso brasileiro, os cotistas na educação, os direitos humanos na segurança, os pobres na desigualdade econômica, entre outros. O voto social transformado em voto identitário, para o autor, só é explicado junto ao ressentimento. E assim surge uma economia moral do respeito, que defende certo tipo de sociedade e solidariedade, e se refugia no identitarismo nacional, explicando por estes temas como crise econômica. “Basta que os ideólogos e os partidos combatam o ‘politicamente correto’, para que o racismo adquira o direito de ser uma opinião como outra qualquer, em nome da defesa da igualdade da nação” (Dubet, 2020, p. 72).

O sistema de desigualdades múltiplas abarca tamanha radicalização das individualidades que inclusive paixões e interesses parecem evoluir em esferas distintas, trazendo uma separação entre cultura e mercado, levando a uma crise endêmica das instituições de socialização e a justaposição das paixões e interesses contraditórios. Para resolver a contradição entre interesses e convicções, há a tentação em denunciar a liberdade alheia, exigindo o apoio da autoridade. A economia moral do novo sistema de desigualdades reclama a defesa de suas liberdades junto a um reforço da ordem pública, favorecendo os Estados autoritários. O autor cita Trump e Bolsonaro como personificação desse regime, sem representar, contudo, um retorno ao fascismo.

Dubet prossegue defendendo que existe uma rotinização da indignação, uma espécie de forma coletiva da cólera e do ressentimento, transformada em programas políticos e programas de ação. A indignação também funciona como válvula de escape, um linchamento, em que o povo é sempre melhor que seus representantes, pois, sem uma proposta política racional, é possível indignar-se contra tudo e todos. Essa indignação radicalizada se torna revolucionária ou contrarrevolucionária, mas sem partidos desse nível, transformando a ação quase impossível, indignando ainda mais. “Sem programa político, a indignação corre o risco de soldar a aliança do liberalismo e da democracia radical sobre as ruínas dos partidos políticos e dos sindicatos”

(Dubet, 2020, p. 76). Dubet defende que a política é a única forma de transformar a indignação em força social, pois, sem isso, o populismo se instala.

Frente a toda essa problemática - a qual Dubet ainda associa as melancolias de esquerda e direita que restam como ilusões perdidas frente a espetacularização da crítica, que vira moda e desaparece, ou ainda, os perigos dos populismos em que o povo soberano é traído - o autor vê a impossibilidade dos partidos populistas em conter as ondas nas quais surfam, gerando ainda mais desconfiças à democracia representativa e ao desejo do líder autoritário e punitivista. Portanto, Dubet defende a luta contra as grandes desigualdades como prioridade, compreendendo as cóleras individuais, mas resistindo às suas vertigens.

Referências

DUBET, François. **O tempo das paixões tristes**: as desigualdades agora se diversificam e se individualizam, e explicam as cóleras, os ressentimentos e as indignações de nossos dias. São Paulo: Vestígio. 2020.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Unesp, 1991.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. J. Olympio, 1998.

Enviado em: 18/01/2023.

Aceito em: 25/07/2024.

Publicado em: 29/08/2024.